

## DISCUSSÕES E REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA E PESQUISADORA EM UM GRUPO DE TRABALHO

*Elaine Cristina Braga Ovando*  
*Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS*  
*elaine.doce@gmail.com*

### Resumo

Neste relato de experiência apresento algumas de minhas observações e reflexões de um processo de formação continuada ao qual participo tanto como professora, quanto pesquisadora. Em meio à realização de minha pesquisa de mestrado, que tem por objetivo investigar processos em que professores de matemática elaboram, discutem, implementam e escrevem a respeito de suas práticas profissionais, discorro sobre algumas temáticas que fazem parte de meus estudos, minhas observações e análises. Durante o ano de 2015/16 foi constituído um Grupo de Trabalho (GT) com professores que ensinam matemática e que se reuniam quinzenalmente para discutir aspectos de suas práticas profissionais. Por meio de gravações em vídeo e áudio produzimos nossos dados para minha pesquisa. Neste relato apresento alguns indicativos e características para a noção de Grupos de Trabalhos como espaço formativo, bem alguns efeitos desse espaço para a formação de professores.

**Palavras-chave:** Prática profissional. Grupo de Trabalho. Modelo dos Campos Semânticos.

### 1- Introdução

Neste relato apresento algumas reflexões sobre uma ação de formação continuada de professores de matemática, ao qual participei como professora e que faz parte de minha pesquisa de mestrado.

Os Grupos de Trabalhos (GT) são espaços formativos nos quais professores se reúnem, de maneira geral, para discutir demandas de suas práticas profissionais. No interior do FAEM (Grupo de pesquisa em Formação, Avaliação e Educação Matemática), os GTs são constituídos e implementados desde 2013, sendo que em cada semestre um GT se constitui em sua singularidade, com suas demandas, atividades, desafios. O GT é um espaço que oferece possibilidades para professores construírem outros modos de lidar com as produções dos alunos e com suas demandas do cotidiano da sala de aula. O grupo proporciona uma reflexão sobre a formação do professor que ensina matemática e que se sente desafiado diante dos obstáculos referentes ao que se ensina e o que se aprende na escola. Desse modo, ao produzir e investigar, o professor se coloca a pensar em sua prática de sala de aula.

Minha pesquisa, que neste relato explico algumas de minhas discussões e reflexões, faz parte de um projeto maior intitulado: *Análise da Produção Escrita como Oportunidade para o Desenvolvimento Profissional de Professores que ensinam Matemática*, em parceria com o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Matemática e Avaliação (GEPEMA) da Universidade Estadual de Londrina. O objetivo geral desse projeto é investigar potencialidades da análise da produção escrita para o desenvolvimento profissional de professores que ensinam Matemática<sup>1</sup>.

No ano de 2015, um grupo de professores que já participavam de outro GT, realizado em 2014, propôs um trabalho no qual iriam escrever um livro sobre implementações de atividades em sala de aula que foram elaboradas e discutidas no interior do GT. Para produzir esse material, os professores discutiram possibilidades de atividades para a sala de aula, por meio de possíveis formas, as quais os alunos poderiam adotar ao resolver as situações propostas. Após essas discussões, os professores retornaram para suas escolas e aplicaram com seus alunos essas atividades. Depois dessas aplicações, os professores relataram e discutiram dentro do grupo de trabalho suas dificuldades e realizações dessas aplicações. Todo esse processo realizado serve como cenário para escrita de um capítulo para a elaboração do livro por cada membro do GT.

Minha pesquisa, uma dissertação de mestrado em desenvolvimento dentro desse contexto, tem por objetivo investigar processos em que professores de matemática elaboram, discutem, implementam e escrevem a respeito de suas práticas profissionais. Essa pesquisa é de cunho qualitativo e a produção de dados foi realizada a partir da gravação de vídeo e áudios de encontros do Grupo de Trabalho, realizados em 2015 e início de 2016.

Os professores no GT investigam, analisam e compartilham ideias dos processos de ensino e aprendizagem. Nesse processo, os professores fazem reflexões sobre sua própria prática. Antes de acontecerem as implementações das atividades em sala de aula, ocorreu uma organização por parte dos participantes do GT, para que cada professor escolhesse uma temática e um público-alvo ao qual seu trabalho seria desenvolvido.

Os processos de construção das propostas de trabalho se deram de acordo com o cronograma estabelecido, sendo que os professores discutiam as temáticas, davam sugestões aos quais pudessem ser pertinentes de acordo com aquele nível de escolaridade. Após essas implementações, os professores apresentavam seus relatos e contavam no grupo suas dificuldades e realizações: como foi o trabalho com as atividades, quais eram suas

---

<sup>1</sup> Esse projeto refere-se ao Edital Universal - MCTI/CNPQ Nº 14/2012, tendo como título *Análise da Produção Escrita como Oportunidade para o Desenvolvimento Profissional de Professores que ensinam Matemática*.

expectativas antes da aplicação das atividades, quais conclusões que tiveram depois do trabalho.

Meu objetivo com esse relato é apresentar algumas de minhas observações e reflexões desse processo que participo tanto como professora, quanto pesquisadora. Como foco de minhas discussões, discorro sobre falas que aconteceram no terceiro encontro do GT. A seguir apresento uma breve discussão sobre a noção de Grupo de Trabalho, outra breve discussão sobre o Modelo dos Campos Semânticos (LINS, 2012) e uma discussão das falas de uma professora no terceiro encontro do nosso GT.

## 2 Uma breve discussão sobre a noção de Grupo de Trabalho

Sabemos que nossa prática profissional impõe desafios, sentimentos, inseguranças e muitos obstáculos que encontramos em nosso cotidiano. Diante disso, o professor de matemática sozinho em meio a essas circunstâncias fica encurralado, sem muitas estratégias para lidar com seus desafios. Trabalhar de forma solitária exige muito mais do profissional, que muitas vezes nem mesmo consegue lidar com situações de sua sala de aula. Neste contexto, propomos, então, a construção de Grupos de Trabalho (GT) caracterizados como espaços formativos nos quais professores de matemática discutem e problematizam situações de sala de aula. Os GTs servem de apoio para o desenvolvimento das práticas pedagógicas do professor em sua realidade escolar. Segundo Crecci e Fiorentini (201, p.1) :

[...] os grupos de estudo e pesquisa que têm como foco de análise de temas e problemas relativos à sua prática profissional, podendo utilizar ou desenvolver diferentes modalidades de análise sistemática da prática.

O trabalho em grupo com professores possibilita desenvolver diferentes tipos de estratégias e discussões às quais podemos implementar em nossas salas de aula. Esse trabalho pode oferecer para os professores um desenvolvimento profissional, que segundo Crecci (2013, *apud* Rocha e Fiorentini, 2006, p. 146):

/.../ o concebemos como um processo contínuo que se estende ao longo de toda sua vida pessoal e profissional, tendo início antes de ingressar na licenciatura e que “acontece nos múltiplos espaços e momentos da vida de cada um, envolvendo aspectos pessoais, familiares, institucionais e socioculturais.

Os professores estão em um constante processo de desenvolvimento profissional, que muitas vezes é sucumbido pelo excesso de trabalho, pelas rotinas sem muitas reflexões, pelas obrigações burocráticas que a todo o momento temos que cumprir. Frente a essas demandas, o

GT se constitui como um espaço no qual os profissionais trocam ideias, compartilham experiências, angústias, dificuldades e realizações em processos de ajuda mútua.

O GT se caracteriza como um espaço formativo que dá suporte aos processos de formação profissional de professores de matemática, que tem a possibilidade de se encontrarem, para discutir assuntos aos quais são importantes para suas práticas profissionais, nas quais implementam temáticas em conjunto, um dando suporte ao outro. Nosso GT, no ano de 2015 e início de 2016, teve como uma de suas características intenções dos professores elaborar, implementar, discutir e escrever sobre suas práticas profissionais. Alguns processos que acontecem no GT são de construção, interação, partilha de ideias, angústias e sugestões de ações para a sala de aula.

No GT não queremos estabelecer critérios de ensino, nem dar receitas para os professores, pois a proposta é fazer com que eles se coloquem diante dos seus enfrentamentos e se envolvam em processos de produção, discussão e reflexão sobre suas práticas profissionais. O que queremos nessa proposta é poder problematizar essas ações, e partindo daí, proporcionar aos professores outras formas de trabalho em sala de aula.

### **3 Uma breve discussão do Modelo dos Campos Semânticos**

O embasamento teórico-metodológico de minha investigação é o Modelo dos Campos Semânticos, proposto por Romulo Campos Lins (2012). O MCS é uma teorização construída para ser usada, como muitas vezes explicita Romulo Lins.

Lins (2012) nos chama para um diálogo, relacionado aos processos de produções de significados, pois, a todo instante o produzimos significados em meio às demandas que são postas. Para Lins (2012, p. 28)

“Significado de um objeto é aquilo que efetivamente se diz a respeito de um objeto, no interior de uma atividade. O Objeto é aquilo para que se produz significado”.

Lins (2012, p.29) apresenta uma caracterização para a noção de objeto quando afirma que: “nós constituímos objetos (instituímos, criamos, inventamos, reinventamos...) produzindo significados. São objetos que estruturam nossa cognição (que é, portanto, situada, no sentido técnico do termo)”.

Quando lemos, nos tornamos autores daquilo que lemos, por meio de nossos processos de produção de significados e constituição de objetos. Sempre falamos na direção de alguém, ao qual chamamos de interlocutor, um sujeito cognitivo.

Caracterizadas de modo breve as noções de significado, objeto e interlocutor, dizemos que conhecimento para Lins, (2012, p.12)

[...]... consiste em uma crença-afirmação (o sujeito enuncia algo em que acredita) junto com uma justificação (aquilo que o sujeito entende como lhe autorizando a dizer o que diz).

Num processo de interação, como por exemplo, em um espaço onde professores discutem sobre suas práticas profissionais (GT), essas noções do MCS podem nos auxiliar em nossas leituras e análises. Meus estudos e tentativas de explicitar como me coloco diante dessas noções do MCS ainda está em processo, tanto como professora quanto pesquisadora. Esse processo de escrita também é um processo de aprendizagem.

#### 4 As falas de Luíza no terceiro encontro do GT

No terceiro encontro do ano de 2015, a reunião do nosso GT começou com uma discussão referente à dificuldade dos alunos e o grau de alfabetização que eles chegam ao 6º e 7º ano do Ensino Fundamental. Diante dessa preocupação, a professora Luíza (nome fictício) externa sua crença dizendo que: “/.../ *ele (o aluno) codifica a linguagem e transforma em pensamento*”. A professora Luíza ainda explicita outras preocupações:

*“/.../ Eu acho que a dificuldade em todas as áreas, adição, equação, fração estão aí, a gente pensa uma coisa, a gente entende que o aluno fez aquilo que eu queria que ele fizesse, é tudo assim, é tudo um telefone sem fio /.../ mas isso é tão forte que quando termino minha aula me pergunto: será que o que eu falei hoje pelo menos 3 ou 6 entenderam o que eu disse e?”*

Quando Luíza diz: “/.../ *aí, a gente pensa uma coisa, a gente entende que o aluno fez aquilo que eu queria que ele fizesse...*” explicita o fato de que muitas vezes em sala de aula, o professor pensa que está falando em uma direção e o aluno está falando em outra direção. Muitas vezes em sala de aula pode ocorrer o que ela chama de *telefone sem fio*. Lins (1999) oferece um modo de ler o que acontece em sala de aula, explicitando algumas características de como ele caracteriza a comunicação.

o autor produz uma enunciação, para cujo resíduo o leitor produz significado através de uma outra enunciação, e assim segue. A convergência se estabelece apenas na

medida em que compartilham interlocutores, na medida em que dizem coisas que o outro diria e com autoridade que o outro aceita, onde professor e alunos cada um com seu conhecimento caminha para uma direção, instituindo o que chamamos de espaço comunicativo. É isto que estabelece um espaço comunicativo não é necessária a transmissão para que se evite a divergência. (p. 82, 1999).

Nesse dia, nosso encontro foi ao entorno das falas da professora Luíza, pois foi um dia que tratamos dos assuntos que cada professor do GT abordaria para elaborar, implementar e escrever. Luíza escolheu o assunto adição, fez valiosos apontamentos, que nortearam as discussões, produções e escritas. Durante os processos de construção das atividades implementadas pelo GT, essas falas estiveram presentes, principalmente por que a professora Luíza tinha na sua mente uma intenção de *melhoria*, explicitada na sua fala:

*Será que, com a elaboração dessas atividades que iremos fazer aqui, no grupo, e.. quando eu for aplicar meus alunos vão entender os processos da adição?*

Por ter suas vivências enquanto professora da Educação Básica é evidente que a professora Luíza tenha esse posicionamento em relação ao resultado final do seu trabalho, pois ao se preocupar com a situação na qual seus estudantes chegam até ela, seria esperado essa sua expectativa de melhoria. Luíza possui seus sentimentos, ansiedades e objetiva tornar o seu trabalho uma ação transformadora.

Em nosso GT não temos a intenção de melhorar a prática pedagógica dos professores. Queremos estar juntos com eles e propor algumas discussões. Se estas vão melhorar, já não nos cabe esse tipo de julgamento. Claro que é possível que muitos professores estejam no GT para uma melhoria, o que para nós, não é problema. O que almejamos é potencializar nossas discussões, nossas aprendizagens, nossos movimentos em nossas carreiras profissionais.

Nesse processo de construção de discussões e propostas para salas de aula de matemática, buscamos discutir, produzir e implementar ações. Buscamos nos conhecer para conhecer nossos alunos.

## 5 Considerações Finais

Neste relato explicitarei algumas de reflexões sobre minha pesquisa e vivências enquanto professora de matemática. No GT de 2015 procuramos discutir, implementar e compartilhar nossas produções, e dentro desse contexto, escrever sobre nossa própria prática profissional.

Em meio a essas três pequenas discussões que apresentamos - Uma breve discussão sobre a noção de Grupo de Trabalho, uma breve discussão sobre o Modelo dos Campo Semânticos; e as falas de Luíza no terceiro encontro do GT - procuramos mostrar nossas discussões sobre e no GT. Uma das características mais marcantes desse processo de

formação continuada é o fato de que os professores precisam falar sobre suas práticas profissionais para que a partir dessas falas possamos, juntos, ler, entender e propor ações para nossas salas de aula. Acreditamos que ao apresentar a fala da professora Luíza, uma das características fortes do GT tenha aparecido com força total: a interação como possibilidade de formação.

Procuramos mostrar também como o MCS nos convida a discutir problematizações e situações que perpassam a sala de aula. O MCS nos serve de leitura e análise de nossos dados, bem como um modo de nos constituirmos como professores e pesquisadores em Educação Matemática.

## 7 Referências

CRECCI, V. M.; FIORENTINI, D. **Desenvolvimento Profissional de uma Professora em Comunidade Investigativa**. ISAT p. 1-3, 2013.

FIORENTINI, D. **Aprendizagem Profissional e Participação em Comunidades Investigativas**. ENEM, 2013

LINS, R. C., Por Que Discutir Teoria Do Conhecimento É Relevante Para A Educação Matemática. In: BICUDO. V. M. A (org). **Pesquisa em Educação Matemática: Concepções & Perspectivas**. Ed. UNESP, 1999, pg. 75-94.

\_\_\_\_\_. **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história**. (Org.) Claudia Laus Angelo [et al.]. São Paulo: Midiograf, 2012.

ROCHA, L. P.; FIORENTINI, D. **Desenvolvimento profissional do professor de**